

RESENHA

ECONOMIA DONUT: UMA ALTERNATIVA AO CRESCIMENTO A QUALQUER CUSTO

Donut Economy: an alternative to growth at any cost

Resenha: RAWORTH, Kate. *Economia Donut: uma alternativa ao crescimento a qualquer custo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

MARQUES, Gilmar dos Santos¹

A obra "Economia Donut: uma alternativa ao crescimento a qualquer custo", escrita por Kate Raworth, apresenta um modelo econômico original e ousado para responder aos desafios do século XXI e ampliar os horizontes do pensamento econômico. Conta a história de Yuan Yang, nascida na China e criada em Yorkshire, que se gradou em economia em Oxford e fez o seu mestrado na prestigiada *London School of Economics*. Yuan pretendia ser uma economista do séc. XXI, mas ficou frustrada com a forma de ensino que seguia o modelo clássico, tanto na teoria quanto na modelagem matemática. Ela sempre questionava o motivo de não ensinarem que o sistema financeiro era uma parte importante da economia, se seus mercados estavam causando grande destruição. Por que existia aquela separação? Todavia, após vários anos de estudo, percebeu que em vez de questionar tudo, ela precisava ter domínio daquela matéria e que o sucesso da revolução na economia não dependia apenas de combater a realidade existente, mas principalmente de construir modelos novos, capazes de tornar obsoletos os modelos existentes.

Enviado em: 29 Out. 2020. Aceito em: 25 Mai. 2021

(cc) BY-NC

¹ Doutorando em Desenvolvimento Sustentável pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), da Universidade de Brasília (UnB), professor do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). E-mail: gilmar.marx@gmail.com | https://orcid.org/0000-0001-5900-3749

Publicado originalmente em inglês – *Doughnut Economics (Seven Ways to Think Like a 21st Century Economist)* - em 2017, o livro é composto por introdução e conclusão e tem 7 capítulos, encerrando-se com Apêndice, Notas e Bibliografia. Ele apresenta um modelo econômico original e ousado para responder aos desafios do século XXI e ampliar os horizontes do pensamento econômico.

Na introdução "Quem quer ser economista?", conta-se a história de Yuan Yang, nascida na China e criada em Yokshire, apaixonada por questões atuais, preocupada com o futuro e determinada a fazer a diferença no mundo. Acreditava que ser economista era a melhor maneira de se preparar para isso. Em 2008, foi estudar economia na Universidade de Oxford. Ela desejava muito se tornar o tipo de economista que o século XXI necessitava. Contudo, ficou frustrada, pois achava a teoria (e a matemática usada para prová-la) muito fraca em suas premissas.

O colapso do sistema financeiro no momento em que ela iniciou seus estudos foi um alerta. Questionava: "Por um lado, éramos ensinados como se o sistema financeiro não fosse uma parte importante da economia. Por outro, seus mercados estavam claramente causando grandes estragos, então perguntamos: 'Por que existe essa separação?'" Para ela, era uma separação que ia muito além do sistema financeiro. Toda vez que perguntava, seus professores garantiam que essa compreensão viria no próximo nível de estudo, e nada. Ela se matriculou em um mestrado na *London School of Economics*, esperando que a tal compreensão viesse. Ao contrário do que esperava, as teorias abstratas se intensificaram, as equações se multiplicaram e ela ficou cada vez mais insatisfeita. Então, percebeu que em vez de questionar tudo, ela devia ter domínio daquela matéria. Entendeu que o sucesso da revolução na economia depende não somente de derrubar as velhas ideias, mas também, e mais importante, de apresentar ideias novas. Como disse Buckminster Fuller *apud* Raworth (2019, p. 11): "Você nunca muda as coisas combatendo a realidade existente. Para mudar algo, construa um modelo novo que torne o modelo existente obsoleto".

Nos últimos 60 anos, avanços extraordinários ocorreram no mundo, em especial, para o bem-estar humano, como aumento na expectativa de vida de 48 anos para 71 anos, redução para a metade no número de pessoas vivendo em extrema pobreza, além de mais

de 2 bilhões de pessoas terem obtido, pela primeira vez, acesso a água potável e banheiros.

Por outro lado, a crise financeira de 2008 roubou empregos, moradias, economias e segurança de milhões de pessoas. A degradação do planeta está cada vez mais profunda. A atividade humana tem provocado mudanças climáticas extremas, causando elevação na temperatura média global, com a ocorrência cada vez mais frequente do número de secas, tempestades e inundações e também aumentando o nível do mar, as terras improdutivas, a exploração das áreas de pesca e a poluição dos oceanos. Enquanto isso, a população global continua crescendo. Aparentemente, são necessários gestores planetários que prestem atenção às necessidades de todos os habitantes.

Segundo F. S. Michaels: "Nestas primeiras décadas do século XXI, a principal história é econômica: crenças, valores e premissas econômicas estão moldando a forma como pensamos, sentimos e agimos". Por isso, uma estratégia de Yuan Yang foi afastar-se da economia por um tempo. Contudo, percebeu-se o óbvio, que não podia se afastar da economia, pois é ela quem molda o mundo. Então, decidiu voltar e virá-la de cabeça para baixo. Pensou numa economia que visasse as metas a longo prazo da humanidade, e para isso buscou um pensamento econômico que permitisse atingi-las.

Colocando essa ideia no papel, o desenho lembrou um donut (a rosquinha redonda com um furo ao centro), formada por dois anéis concêntricos, sendo um grande e um pequeno. Na parte interna, encontra-se o alicerce social (privações humanas críticas como fome e analfabetismo) e, na parte externa, está o teto ecológico (com a degradação planetária crítica como mudanças climáticas e a perda de biodiversidade). A parte intermediária, o "donut", é o espaço no qual se pode atender às necessidades de todos, contando com os meios que o planeta oferece.

Uma vez desenhado o Donut, sua imagem precisava fazer vibrar nas pessoas a essência do pensamento econômico. Considerando que o cérebro humano está programado para interpretar elementos visuais e as imagens vão diretamente para a memória, onde são gravadas, pensou em ensinar a economia utilizando mais imagens, assim como muitos dos pais fundadores da economia, que usaram imagens para expressar suas ideias seminais. François Quesnay (1758) usou as linhas em zigue-zague para descrever o fluxo do dinheiro, William Playfair (1780) utilizou diagramas, gráficos de barras e gráficos circulares para apresentar dados e William Stanley Jevons (1871) apresentou gráficos para explicar a "lei da demanda".

Paul Samuelson, de forma decisiva, colocou as imagens no centro do pensamento econômico na segunda metade do século XX. Samuelson e Joseph Schumpeter apreciaram a extraordinária influência exercida por aqueles que determinam a forma de como começar. Na obra "História da análise econômica" (1954), escreveu: "Na prática, nós todos começamos nossa própria pesquisa a partir do trabalho de nossos predecessores, ou seja, dificilmente começamos da estaca zero. Mas, supondo que começássemos do zero, que passos deveríamos dar?"

A tarefa do século XXI é clara: criar economias que proporcionem crescimento humano numa teia de vida florescente, de maneira que se possa prosperar em equilíbrio dentro do espaço seguro e justo do Donut. O livro em pauta propõe uma visão otimista do futuro: "uma economia global que cria um equilíbrio próspero graças à sua concepção distributiva e regenerativa" (p. 305). Assim, **propõe sete maneiras** para que todos possam aprender a pensar como economista do século XXI, mostrando as velhas ideias e apresentando ideias novas e inspiradoras para substituí-las. São elas:

- 1 *Mudar o objetivo*: O Produto Interno Bruto (PIB) deixa de ser a medida de progresso. No séc. XXI o PIB dá lugar ao Donut, que é mais amplo, pois passa a atender os direitos humanos com foco na pessoa em seu meio, o "planeta gerador de vidas". A economia do Donut tem como desafio criar um ambiente econômico local e global acolhedor, seguro e justo. Na visão deste resenhista seria passar de preço para valor, onde preço baseia-se em quantidade vezes um valor monetário e valor é um conjunto de benefícios que se recebe ou entrega.
- 2 *Analisar o quadro geral*: A sugestão é fazer um novo desenho da economia, integrando-a na sociedade e na natureza, tendo como fonte de energia o Sol e valorizando o poder do mercado, a parceria do Estado, o papel central do agregado familiar e a criatividade dos bens comuns.
- 3 *Estimular a natureza humana*: A economia do séc. XX retrata o homem como um ser egoísta, solitário, calculista, pouco afeito a mudanças e que domina a natureza. Considerando que a natureza humana é muito mais rica que isso, esboça-se um novo autorretrato: criatura social, interdependente, próximo e dependente do mundo vivo.

- 4 Compreender o funcionamento dos sistemas: Substituir o emblemático cruzamento das curvas de oferta e demanda do mercado (séc. XIX) pelo pensamento sistêmico, resumido por um simples par de circuitos de feedback, possibilitando muitas percepções novas (expansão e falência de negócios e mudanças climáticas). Deve-se parar de procurar as falsas alavancas de controle da economia e começar a administrá-la como um sistema complexo em evolução.
- 5 *Projetar para distribuir*: A Curva de Kuznets (séc. XX) sugere uma mensagem sobre a desigualdade: as coisas precisam piorar antes de melhorar, e o crescimento as equilibrará. Considerando que a desigualdade não é uma necessidade econômica e, sim, uma falha de projeto, os economistas do séc. XXI identificarão que existem várias maneiras de programar economias mais distributivas redistribuindo rendas e explorando modos de compartilhar a riqueza.
- 6 *Criar para regenerar*: Há muito tempo, a teoria econômica tem desenhado um meio ambiente "limpo" como um bem de luxo. A Curva de Kuznets (séc. XX) sugere que a poluição precisa piorar antes de poder melhorar, e o crescimento a limpará. Mas, a poluição é resultado de uma concepção industrial degenerativa e o séc. XXI necessita de um pensamento econômico com concepção regenerativa, visando criar uma economia circular.
- 7- Ser agnóstico em relação ao crescimento: A trajetória do crescimento do PIB a longo prazo nunca é desenhada, pois a corrente dominante da economia vê como interminável o crescimento econômico. Entretanto, nem tudo na natureza sempre cresce e a tentativa de impor essa tendência gera muitos questionamentos em países de alta renda e baixo crescimento. Apesar de hoje existirem economias que precisem crescer (prosperando ou não), a necessidade atual é de economias que prosperem (crescendo ou não).

Essas sete maneiras de pensar aqui analisadas não trazem receitas específicas, não prometem respostas imediatas e nem são a solução completa. No entanto, "são fundamentais para a maneira radicalmente diferente de pensar sobre economia que este século exige". Ao final da obra fica uma certeza: criar uma economia global que gere um equilíbrio próspero graças à sua concepção distributiva e regenerativa é uma necessidade premente.